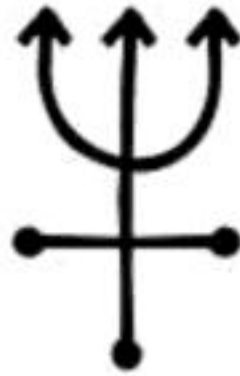


LUIZ RUFINO

# Pedagogia das encruzilhadas



 **mórula**  
EDITORIAL

## NOTA INTRODUTÓRIA

UMA OFERTA. Um sacrifício arriado nas barras do tempo. Aí está um ebó cuspidado nas esquinas do hoje. Uma política parida nos vazios, uma pedagogia que se tece nas invenções cotidianas. Iniciarei pelos cacos, por aquilo que em meio aos escombros permanece vivo. No final, já reerguidos, cantaremos que os caminhos são inacabados. Nesse tom, como quem cospe cachaça ao vento, digo: a encruzilhada não é mera metáfora ou alegoria, nem tão quanto pode ser reduzida a uma espécie de fetichismo próprio do racismo e de mentalidades assombradas por um fantasma cartesiano. A encruzilhada é a boca do mundo, é saber praticado nas margens por inúmeros seres que fazem tecnologias e poéticas de espantar a escassez abrindo caminhos. Exu, como dono da encruzilhada, é um primado ético que diz acerca de tudo que existe e pode vir a ser. Ele nos ensina a buscar uma constante e inacabada reflexão sobre os nossos atos. É por isso que nosso compadre é tão perigoso para esse mundo monológico e para uma sociedade irresponsável com o que se exercita enquanto vida. Nessa esquina me cabe dizer que hoje o espírito colonial se expressa em pleno vigor, cada vez mais “cruzadista”, tacanho, tarado pelo terror e pelos assassinatos. Exu, ao contrário disso, é o radical da vida, que nos interpela sobre a capacidade de nos inscrevermos como beleza e potência. A sua face brincante, transgressora, pregadora de peças, é o contraponto necessário a esse

latifúndio de desigualdade e mentira. Dono da porteira do mundo é ele a força vital a ser invocada para a tarefa miúda de riscar os pontos da descolonização.

# A primeira pedra lançada

É CHEGADO O MOMENTO DE LANÇARMOS EM CRUZO as sabedorias ancestrais que ao longo de séculos foram produzidas como descredibilidade, desvio e esquecimento. Porém, antes, cabe ressaltar que essas sabedorias de fresta, encarnadas e enunciadas pelos corpos transgressores e resilientes, sempre estiveram a favor daqueles que as souberam reivindicar. Assim, me inspiro nas lições passadas por aqueles que foram aprisionados nas margens da história para aqui firmar como verso de encanto a defesa de que a condição do *Ser* é primordial à manifestação do *Saber*. Os conhecimentos vagueiam mundo para baixar nos corpos e avivar os seres. Os conhecimentos são como orixás, forças cósmicas que montam nos suportes corporais, que são feitos cavalos de santo; os saberes, uma vez incorporados, narram o mundo através da poesia, reinventando a vida enquanto possibilidade. Assim, ato meu ponto: a problemática do *saber* é imanente à vida, às existências em sua diversidade.

A vida é o que importa e é por isso que reivindico nos caminhos aqui cruzados outro senso ético. A raça é a invenção que precede a noção de humanidade no curso da empreitada ocidental, o estatuto de humanidade empregado ao longo do processo civilizatório colonial europeu no mundo é fundamentado na destruição dos seres não brancos. Sigamos em frente sem recuar nenhum instante. A perspectiva agora

não é mais a saída do mato a que fomos lançados para nos revelar como seres em vias de civilidade. Não assumiremos o repertório dos senhores colonizadores para sermos aceitos de forma subordinada em seus mundos; o desafio agora é cruzá-los, “imacumbá-los”, avivar o mundo com o axé (força vital) de nossas presenças.

A saída do mato a partir de um processo civilizatório e sua agenda de dominação é para os seres aprisionados pela raça uma *marafunda* — mentira e sopro de má sorte — que cristaliza o ser na condição vacilante de racializado. A orientação pela encruzilhada expõe as contradições desse mundo cindido, dos seres partidos, da escassez e do desencantamento. As possibilidades nascem dos *cruzos* e da diversidade como poética/política na emergência de novos seres e na luta pelo reencantamento do mundo.

Não sairemos do mato<sup>1</sup>, as mentiras contadas pelas bocas malfeitoras não nos seduzem, somos capoeiras (mato rasteiro), as nossas sabedorias são de fresta, somos corpos que se erguem dos destroços, dos cacos despedaçados e inventam outras possibilidades no movimento inapreensível da ginga. Nessa perspectiva, a invenção de um projeto poético/político/ético que opere no despacho do *carrego colonial* (obra e herança colonial) e na desobsessão de toda sua má sorte será aqui cuidadosamente tecida como uma tática de guerrilha do conhecimento. Essa estratégia de luta tem como principal meta atacar a supremacia das razões brancas e denunciar seus privilégios, fragilidades e apresentar outros caminhos a partir de referenciais subalternos e do *cruzo* desses com os historicamente dominantes.

A estratégia da Pedagogia das Encruzilhadas, como guerrilha epistêmica, é seduzi-los para que eles adentrem o mato. Lá, ofereço a todos uma casa de caboclo. Ah, camaradinhas, a mata é lugar de encantamento, é lá que serão armadas as operações de fresta que tacaão *fogo no canavial*. Os

espelhos do *narcisismo europeu* (Fanon, 2008) serão quebrados sem nenhum temor de azar, esperamos muito tempo, agora é olho no olho. Desculpem o peso das palavras. Nós brasileiros expurgamos o espírito guerreiro dos tupinambás, habitantes de nossas terras, para nos convertermos à complacência e à resignação do *ethos* cristão-católico; porém, vos digo que os tupinambás continuam a baixar nos nossos terreiros, saravando as nossas bandas, preparando nossos corpos para a batalha. Haveremos de reivindicar as nossas lutas ancestrais para que essas nos inspirem nas demandas do hoje. Nesse sentido, me arrisco na amarração do seguinte verso: não há enfrentamento e transgressão ao colonialismo que não assuma posições contundentes e comprometidas com o combate ao cárcere racial (enclausuramento e desvio do ser) e às suas produções de injustiça cognitiva.

Assim, a descolonização<sup>2</sup> deve emergir não somente como um mero conceito, mas também como uma prática permanente de transformação social na vida comum, é, logo, uma ação rebelde, inconformada, em suma, um ato revolucionário. Por mais contundente que venha a ser o processo de libertação, é também um ato de ternura, amor e responsabilidade com a vida. A colonização acarreta o destroçamento dos seres subordinados a esse regime, os colonizados, mas também a bestialização do opressor, o colonizador. Sobre a colonização não se ergue civilização, mas sim barbárie. Dessa forma, inscreve-se o fato de, a partir desse acontecimento, emergir também a necessidade da invenção de novos seres. Assim escrevo: resiliência = reconstrução tática a partir dos cacos despedaçados pela violência colonial; transgressão = invenção de novos seres para além do cárcere racial, do desvio e das injustiças cognitivas.

É nessa perspectiva que se torna necessário desatarmos o aperto da moral e da hipocrisia que nos encarna ao baixar em nós o *ethos* cristão. A rebeldia como um ato parido de nosso

inconformismo com as injustiças é também uma ação de esperança que comunga do ideal da descolonização. Em nossas condições existenciais e históricas, não há razão para termos pudor de discutir a violência, posto que convivemos com este fenômeno desde que fomos “descobertos”, transformados em peças da engrenagem do maquinário capitalista e inventados como Novo Mundo. A colonização é uma engenharia de destroçar gente, a descolonização, não somente como conceito, mas enquanto prática social e luta revolucionária, deve ser uma ação inventora de novos seres e de reencantamento do mundo.

Sendo assim, é nossa responsabilidade assumir a emergência e a credibilização de outros saberes, diretamente comprometidos, agora, com o reposicionamento histórico daqueles que os praticam. Nessa perspectiva, emerge outro senso ético/estético; os saberes que cruzam a esfera do tempo, praticando nas frestas a invenção de um mundo novo, são aqueles que se encarnam na presença dos seres produzidos como *outros*. Firmemos nossas respostas combatendo a baixa estima que nos foi imposta; a problemática do conhecimento é fundamentalmente étnico-racial.

Eis a cumeeira da modernidade, sustentada sobre os pilares da raça, do racismo e do Estado-Nação, a energia desse espectro continua a nos afetar. Lançados a essa demanda, haveremos de jogar o jogo, fomos produzidos como desvio, como seres vacilantes e aí inventamos a ginga, sapiência do *entre*, para lançar movimentos no vazio deixado. Os seres submetidos às lógicas de opressão desse sistema são inventores dos jogos de corpo, palavra e ritmo. Tomado pela cadência da *vadiação* (invenção lúdica e sabedoria de fresta), farei o meu jogo praticando alguns giros e negaças, plantando ponta-cabeça. Assim, inverto algumas posições, cruzo algumas noções para fazer outros caminhos — essa é a potência da transformação assente nas encruzilhadas.

Seguindo caminhos por encruzilhadas, existe ainda outra via conceitual que também deve ser atravessada, a colonialidade. Esse fenômeno, que prefiro chamar de *marafunda* ou *carrego colonial*, compreende-se como sendo a condição da América Latina submetida às raízes mais profundas do sistema mundo racista/capitalista/cristão/patriarcal/moderno europeu e às suas formas de perpetuação de violências e lógicas produzidas na dominação do ser, saber e poder. É necessário, para isso, destacar que os efeitos de desencantamento desencadeados pela colonialidade produzem bloqueios na comunicação entre os povos latino-americanos. Todavia, é apostando na potência do *cruso* e praticando o exercício de *dobrar a linguagem* — ações de ampliação de outras formas de comunicação — que firmarei que a colonialidade nada mais é do que o *carrego colonial*. Ou seja, a má sorte e o assombro propagado e mantido pelo espectro de violência do colonialismo.

A noção de encruzilhada emerge como disponibilidade para novos rumos, poética, campo de possibilidades, prática de invenção e afirmação da vida, perspectiva transgressiva à escassez, ao desencantamento e à monologização do mundo. A encruza emerge como a potência que nos possibilita estripulias. Nesse sentido, miremos a descolonização. Certa vez, uma preta velha me soprou ao ouvido: “Meu filho, se nessa vida há demanda, há também vence-demanda”. Dessa forma, se a colonialidade emerge como o *carrego colonial* que nos espreita, obsedia e desencanta, a descolonização ou decolonialidade emerge como as ações de desobsessão dessa má sorte.

Entoavam os velhos *cumbas* nas *plantations* de café da região do Vale do Paraíba: “Tanto pau de lei no mato, embaúba é coroné, embaúba é coroné! Carreiro tumba, carreiro tumbambá, barata na parede não deixa a gente sossegar”. As populações negro-africanas nas Américas já dobravam as



palavras e enunciavam com a força de seus corpos os chamados discursos pós-coloniais e desferiam as ações de descolonização. O meu verso se ata em tom de provocação, porém, camaradinhas, lhes digo: sobre a linearidade histórica ou sobre o rigor dos termos, agora pouco nos importa, o que vale para nós aqui é o teor das flechas atiradas pela boca ou o tamanho do tombo que levará aqueles que nos golpeiam.

E aí eu pergunto: quem vai dizer que Fanon não é encarnado por um velho cumba? Os cumbas são os conhecedores dos segredos e potências das palavras, que nesse caso é também corpo, hálito e saliva envoltos ao ritmo, elementos propiciadores de invenção e mobilizadores de energia vital. São eles os mestres que sabem as *mumunhas* das invenções através do verso. A eles podemos dedicar a máxima “as palavras têm poder”. De fato, elas têm. A palavra não se limita a ser veiculadora dos sentidos, a palavra é carne, é materializadora da vida, propiciadora dos acontecimentos. Os cumbas são poetas feiticeiros, encantadores de mundo através do verso. A virada linguística, elementar para a constituição da crítica ao colonialismo, pode ser também entendida como sendo a *dobra na palavra* performatizada pelos múltiplos saberes praticados na banda de cá do Atlântico.

A narrativa inventora do mundo, a partir do advento da modernidade ocidental, produz presença em detrimento do esquecimento. Se engana quem pensa que a história é uma faculdade que se atém somente àquilo que deve ser lembrado, a história, como um ofício de tecer narrativas, investe fortemente sobre o esquecimento. Assim, é na perspectiva da produção da não presença da diversidade que se institui uma compreensão universalista sobre as existências. Somos “oficialmente” paridos para o mundo a partir da empreitada colonial, do projeto de dominação exercido pelo ocidente europeu. América Latina, Brasil, África — o que isso tem a nos dizer sobre a nossa condição?

Seres vacilantes, desvios existenciais, no Brasil a categoria raça é o elemento político que fundamenta o caráter da exploração e dominação colonial. “Raça”, “racismo” e “Estado-nação” — é nesses três termos que também se expressam as formas da colonialidade do ser, saber e poder, que se cospe a marafunda colonial a ser desatada. Assim, camaradinhas, ato o ponto: América Latina, Brasil e África, aterros que guardam as sobras da edificação da Europa e do mundo ocidental.

Porém, ato outro verso que vai buscar quem mora longe, indo mais ao fundo para mostrarmos as “calças curtas” da linearidade histórica e de sua produção monológica sobre o mundo. Onde estavam os tupinambás, os aimarás, os quicongos, os iorubás, os xavantes, os quíchuas, o povo da mina, na chamada Idade Antiga ou Idade Média? Teremos de fazer como certa vez me ensinou um jongueiro: “meu filho, havemos de cismar com as coisas do mundo”. O desafio nos demanda outros movimentos, mirando uma virada linguística/epistemológica que seja implicada na luta por justiça cognitiva e pela pluriversalização do mundo. Devemos credibilizar gramáticas produzidas por outras presenças e enunciadas por outros movimentos para, então, praticarmos o que, inspirado em Exu e nas suas encruzilhadas, eu chamo de *cruzo*.

A ancestralidade é a vida enquanto possibilidade, de modo que ser vivo é estar em condição de encanto, de pujança, de reivindicação da presença como algo credível. A morte, nesse sentido, não está vinculada simplesmente aos limites da materialidade, mas se inscreve como escassez, perda de potência, desencante e esquecimento. Assim, recorro à máxima cunhada por um catedrático da rua<sup>3</sup> quando me disse que “tem muito vivo que tá morto e muito morto que tá mais do que vivo!”.

Da passagem pelo portal do não retorno nos portos da banda de lá, dos suicídios, do banzo, dos genocídios, da

zoomorfização, da transformação do ser em mineral e sua laminação nos rolamentos dos colonialismos até a transformação do homem-metal em homem-moeda, base estruturante do primeiro capitalismo<sup>4</sup>. Não à toa, o Atlântico foi nomeado pelas populações negro-africanas que o atravessaram como “calunga grande”. Se vocês não sabem o que é a calunga grande, eu vos digo: é o termo utilizado para designar o oceano como o “grande cemitério”.

O grande cemitério que, a princípio, separava mundos foi o elemento propulsor do não esquecimento. Saindo de lá, o que estava cravado para os que foram atravessados era a perspectiva do não retorno. Para os que ficaram do lado de lá restava a memória dos ancestrais que saíram para não retornar. Para aqueles que atravessaram a calunga grande ficam as memórias de outro tempo a serem reivindicadas para substanciar a invenção de uma nova vida. A presença negro-africana nas bandas ocidentais do Atlântico, nas Américas, é marca do devir-negro no mundo, mas é também uma marca inventiva da reconstrução da vida enquanto possibilidade produzida nas frestas, em meio à escassez, e na transgressão de um mundo desencantado. A ancestralidade como sabedoria pluriversal ressemantizada por essas populações em diáspora emerge como um dos principais elementos que substanciam a invenção e a defesa da vida.

Combater o esquecimento é uma das principais armas contra o desencante do mundo. O não esquecimento é substancial para a invenção de novos seres, livres e combatentes de qualquer espreitamento do poder colonial. É nesse sentido que firmo meu verso: o não esquecimento, a invocação, a incorporação, o alargamento do presente, o confiar da continuidade e do inacabamento passado de mão em mão compartilhado em uma canjira espiralada é o que entendemos enquanto ancestralidade, que emerge no contexto de nossas histórias como uma política anticolonial.

Assim, o que surge como elemento a ser credibilizado não é a emergência de uma noção que suavize as violências praticadas pela empresa colonial, mas sim a emergência de outro horizonte filosófico, orientado pelo princípio da ancestralidade. A dimensão do ancestral está imbricada à imanência do ser, fundamenta tanto uma ontogênese, como também uma ontologia. A natureza elementar dos seres, como as suas potências, converte-se em ações de transgressão dos limites da colonialidade. Os constructos “raça” e “humanidade”, elementos que fundamentam uma alteridade produtora de desigualdades e injustiças, devem ser enfrentados, transgredidos e transmutados perspectivando novos atos de responsabilidade com a vida em toda a sua esfera.

Torna-se necessário, dessa forma, invocarmos as sabedorias ancestrais, porque, ao emergirem, ao serem manifestadas como práticas de saber, elas trazem as presenças daqueles que compõem junto conosco os giros dessa canjira espiralada que é a vida. A invocação da ancestralidade como um princípio da presença, saber e comunicações é, logo, uma prática em encruzilhadas. Afinal, a própria noção de encruzilhada é um saber praticado ancestralmente que aqui é lançado como disponibilidade para novos horizontes que reivindicam a sofisticação de um mundo plural, pujante e vigoroso, contrário e combativo ao desencanto do mundo.

A encruzilhada é o principal conceito assente nas potências do orixá Exu, que transgride os limites de um mundo balizado em dicotomias. A tara por uma composição binária, que ordena toda e qualquer forma de existência, não dá conta da problemática dos seres paridos no *entre*. A existência pendular, a condição vacilante do ser é, a princípio, o efeito daquilo que se expressa a partir do fenômeno do *cruzo*. Assim, ato a provocação: aquilo que a agenda colonial buscou produzir como um sistema de controle da vida, a partir de uma ordem

pautada nos binarismos, acarretando a redução das complexidades, é fragilmente salientado por uma leitura a partir da gramática poética das encruzilhadas.

Para os seres paridos na esquina da modernidade, seres/saberes assentes na poética das encruzilhadas, o que pulsa e dá o tom do acabamento na reivindicação da vida é a máxima que circula nos terreiros que diz: “a encruzilhada é o umbigo do mundo”. A normatização do mundo em um esquema binário é mais uma *marafunda colonial*, considerando que a própria Europa nunca foi versada em uma única banda. Assim, ressalto que, quando lanço a minha crítica à modernidade, faço sobre aquilo que o seu projeto de dominação colonial reivindica ser. Ou seja, a mentira propagada por séculos envolta num véu de pureza que dissimula o caráter devastador, legitimado a partir de uma política de invenção do *outro* como parte a ser dominada para a ascensão da civilização. Eis que se ergue o que chamo de *marafunda, assombro e carregamento colonial*.

É por meio da recusa da condição de imobilidade propagada por esses efeitos que devemos transgredir os seus parâmetros. Dessa maneira, é necessário não se deixar apreender, praticar o que sugiro conceitualmente, inspirado na sapiência corporal dos capoeiras, como *rolê epistemológico*, para então lançarmos a flecha: o que é o mundo? Não podemos aceitar que o mundo esteja destinado unicamente à esfera da humanidade completamente desumana, seja pela negação dos seres incutidos sob a lógica do desvio, ou pela bestialização daqueles que acreditam ser distintos, a partir do regimento dessa lógica.

A encruzilhada emerge como elemento fundamental nesse processo, uma vez que a noção de restituição é ponto central na possibilidade de inscrição de uma nova história. Essa que deve vir a ser construída, implicada com a invenção de novos seres e no acabamento do mundo pautado pela

responsabilidade com a justiça. Praticar a encruzilhada nos aponta como caminho possível a exploração das fronteiras, aquelas que, embora tenham sido construídas *a priori* para cindir o mundo, nos revelam a trama complexa que o codifica. A perspectiva analítica lançada pelo conceito de encruzilhadas me possibilita escarafunchar as frestas, esquinas, dobras, interstícios, cantar as impurezas, a desordem e o caos próprios das estripulias-efeitos elegbarianos.

A modernidade ocidental como uma encruzilhada emerge não apenas para expor os limites e contradições da produção de um mundo binário, produtor de escassez e desencanto, mas se lança para reivindicar a encruzilhada como conceito para lermos o mundo, a partir das potências de Exu, que é por excelência o espírito que a encarna e a mobiliza. A encruzilhada-mundo emerge como horizonte para credibilizarmos as ambivalências, as imprevisibilidades, as contaminações, as dobras, atravessamentos, os não ditos, as múltiplas presenças, sabedorias e linguagens, ou seja, as possibilidades. Afinal, a encruza é o umbigo e também a boca do mundo, é morada daquele que tudo come e nos devolve de maneira transformada.

A encruzilhada não é aqui reivindicada para negar a presença da modernidade ocidental, mas para desencadeirá-la do seu trono e desnudá-la, evidenciando o fato de que ela é tão parcial e contaminada quanto as outras formas que julga. O conceito de encruzilhada combate qualquer forma de absolutismo, seja os ditos ocidentais, como também os ditos não ocidentais. A potência da encruzilhada é o que chamo de *cruzo*, que é o movimento enquanto sendo o próprio Exu. O *cruzo* é o devir, o movimento inacabado, saliente, não ordenado e inapreensível. O *cruzo* versa-se como atravessamento, rasura, cisura, contaminação, catalisação, bricolagem — efeitos exusíacos em suas faces de Elegbara e Enugbarijó. O *cruzo* é a rigor uma perspectiva que mira e

pratica a transgressão e não a subversão, ele opera sem a pretensão de exterminar o outro com que se joga, mas de engoli-lo, atravessá-lo, adicioná-lo como acúmulo de força vital.

Assim, a encruzilhada nos possibilita a transgressão dos regimes de verdade mantidos pelo colonialismo. A manutenção desses regimes balizados na ordenação de um mundo cindido contribui para a perpetuação das injustiças cognitivas praticadas a todos aqueles desviados, uma vez que existir plenamente é ser credível e ter a vida enquanto possibilidade de fartura e encantamento. Em sentido contrário, as injustiças operadas na destituição ontológica dos seres atacam diretamente a diversidade que compõe o mundo. O universalismo pregado como mote de um modelo de consciência e razão totalitária, produtor do desvio existencial/coisificação dos seres, é também o elemento propulsor da destruição de saberes praticados durante séculos.

A encruzilhada e seus *cruzos* são a própria potência de Exu. Assim, o fenômeno é o próprio princípio explicativo do conceito. A descolonização não pode se limitar a se banhar na beirada. Para uma virada do conhecimento que combata de forma incisiva as injustiças cognitivas/sociais produzidas ao longo do tempo, haveremos de nos arriscar em mergulhos mais profundos. O desencadeamento, o tombo na ladeira, o “tapa sem mão” contra os privilégios da supremacia branca são, a meu ver, inevitáveis, uma vez que ações como essas, de caráter transgressivo, operaram nas frestas. Fica evidente que resiliência e transgressão não são novidades em nossas bandas; porém, nos cabe o compromisso e a responsabilidade para que essas ações sejam contínuas a ponto de avançarmos em equidade.

Exu, para os iorubás e em suas múltiplas faces na diáspora, fundamenta uma ética responsiva. Eleger Exu como a potência codificadora e mobilizadora de uma pedagogia da

descolonização é, em suma, um ato de responsabilidade com a vida. Exu é também o primeiro a ser criado e aquele que fundamenta toda e qualquer forma de existência. Assim, compreende-se como um princípio radical que transgride as dimensões explicativas assentes no ocidente europeu, uma vez que é o elemento que versa acerca da natureza primeira dos seres. Por isso, é na emergência de um novo projeto “poético/político/ético” que a força cósmica Exu é eleita como a esfera principal.

O dono da encruzilhada é a potência a ser encarnada por uma pedagogia que desloca o orixá (força cósmica) de uma leitura centrada nos limites religiosos. Essa perspectiva se dá uma vez que o mesmo é, antes de qualquer coisa, o elemento propiciador das presenças, gramáticas e seus respectivos atravessamentos. Assim, neste projeto encruzado chamado Pedagogia das Encruzilhadas, dialogam diferentes práticas de saber codificadas na diáspora que têm como identificação as múltiplas formas de invenção na linguagem.

Nesse sentido, riscam-se os campos de batalha e mandingas dessa pedagogia. São eles:

- *Político*, pois assume como problemática ética/estética e ato de responsabilidade a luta contra o racismo anti-negro e a transgressão dos parâmetros coloniais. Essa dimensão está implicada diretamente com a preservação da vida em sua diversidade;
- *Poético*, pois emerge a partir e em um diálogo cosmopolita (cruzado) com inúmeras sabedorias e gramáticas que foram historicamente subalternizadas. Ou seja, produzidas como não possibilidades uma vez que são sistematicamente descredibilizadas. A dimensão poética, que aqui deve ser lida no *cruzo* com a problemática epistemológica, revela a impossibilidade de separação entre ser, saber e suas formas de produção de



linguagem. Assim, a emergência de outras gramáticas perpassa também pela dimensão política de defesa da vida em sua diversidade;

- *Ético*, implicada com uma das principais demandas a ser vencida na colonialidade, a invenção de novos seres. A dimensão ética perspectivada pela educação revela não um método a ser aplicado para a resolução dos dilemas escolares, mas emerge como um ato responsável comprometido com a transformação dos seres. A educação é aqui lida como fenômeno existencial na articulação entre vida, arte e conhecimento. Assim, a perspectiva das encruzilhadas emerge como potência educativa, uma vez que abre caminho para outras invenções que transgridem o desvio existencial e o desmantelo cognitivo incutido pela ordem colonial.

Eis a encruzilhada de três caminhos da pedagogia encarnada por Exu. É exatamente no cruzo dessas possibilidades que ele vagueia serelepe pelo mundo, atravessando as barras do tempo, vadiando no inesperado e esculhambando as certezas das existências assombradas pelo desencanto. Já diria a máxima versada pelos seus praticantes: “Exu samba no fio da navalha e mora na casca da lima”. Assim, esta obra montada por ele e ofertada para ele tem efeito de um *ebó cívico*, conceito que lanço nas esquinas do tempo para invocar, encarnar e multiplicar ações de responsabilidade com o mundo.

Assim, o *ebó cívico* que ofertado na esquina da modernidade é feito com os cacos despedaçados ao longo de mais de cinco séculos, com as sobras, os pedaços de corpo e de experiência ancestral que inventaram a vida nas frestas. Haveremos de dar de comer a Exu, como cambono deste fazer, a ele ofertado um balaio de conceitos — virações de mundo/amarrações de encanto/invocações de outros tempos — imantados no que

chamo de Pedagogia das Encruzilhadas.

Exu fala na filosofia versada por Mestre Pastinha, no voo encantado de Besouro Mangangá, na sapiência corporal do jogo de vadiação, nas palavras dobradas por seu Aniceto, no encanto soprado por Mano Elói, na semântica dos rosários cantada pelos pretos velhos, nas rezas de cura de Vovó Maria Joana, no riscar das palavras e mandingas de Beth Cheirosinha e dona Coló, na prosa ritmada nas esquinas, nos paralelepípedos banhados a marafo, nos padês virados na hora grande, nos prazeres, seduções, enigmas e segredos inesgotáveis do mundo. Todas essas experiências de alimento da vida cotidiana se riscam como atos contrários à lógica do terror. A tarefa agora é lançá-las no *cruzo* de tantas outras formas, é na encruzilhada que se praticam as transformações. Exu é o poema que enigmatiza a vida, o caos necessário a toda e qualquer invenção. Espreitemos o cair da tarde.

---

1 Ver Fanon (2008).

2 Ao longo dessa obra o termo descolonização será reivindicado não como a subtração da experiência colonial, mas como ação que encarna força utópica, política e pedagógica para a transgressão da obras/efeitos/heranças coloniais (colonialidade) e a remontagem do seres/saberes em prol de outro projeto mundo. Assim, a descolonização, aqui empregada, preserva os sentidos *fanonianos* e compartilha também dos princípios da decolonialidade. Assim, ao longo do texto descolonização e decolonialidade aparecerão imbricadas como parte de um mesmo processo e ação.

3 Seu Tranca Rua das Almas.

4 Ver Mbembe (2014).

# Yangí, Exu Ancestral: o ser para além do desvio

*Exu nasceu antes que a própria mãe.*<sup>5</sup>

IFÁ, TESTEMUNHO DO DESTINO E SENHOR DA SABEDORIA, nos ensina que Exu precede toda e qualquer criação. Assim, ele participa e integra tudo o que é criado, da mesma maneira que também está implicado em tudo aquilo que virá a ser destruído e o que ainda está por vir. É ele o princípio dinâmico que cruza todos os acontecimentos e coisas, uma vez que sem ele não há movimento. Exu é compulsório a todos os seres e forças cósmicas. É ele a divindade mais próxima daqueles classificados como humanos, é o dono do nosso corpo e de suas potências, é o princípio comunicativo entre os seres, as divindades e os ancestres. Exu é a substância que fundamenta as existências; é a linguagem como um todo. É o pulsar dos mundos, senhor de todas as possibilidades, uma esfera incontrollável, inapreensível e inacabada. Ele é o *acontecimento*, antes mesmo da inscrição *deleuziana*, por isso ata-se o verso que aqui nos abre caminho: “Exu nasceu antes que a própria mãe.”

Invoco as palavras, aquelas que ele coloca e tira de nossas bocas<sup>6</sup>, para que as mesmas encarnem o texto, o avivem. As palavras consagradas neste texto são antes cuspidas como efeito de encanto. Sopradas nos quatro cantos, operam não só como a faca de ponta afiada dos capoeiras mas também como fio que sutura e ata pertenças, sabedorias e memórias ancestrais. *Iê, é hora é hora! Iê, vamos simbora, pela barra afora, camará...* a palavra agora é ofertada àquele que a faz acontecer: Exu. O meu lugar é o de um ser cismado, praticante das frestas, que lança esse feitiço apalavrado de quebra de demanda e de abertura de caminhos, um padê arriado na esquina do Novo Mundo. A encruzilhada guarda o poder da transmutação, assim faremos como Exu, que, de cada pedaço picotado do seu corpo, se reconstruiu como um novo ser e se colocou a caminhar e a inventar a vida enquanto possibilidade. Essa é a face de Yangí, o caráter primordial de Exu.

O verso apresentado acima invoca as sabedorias ancestrais assentes em uma gramática subalternizada ao longo do processo colonial. Essas nos abrem caminhos para outras possibilidades de invenção. Assim, a passagem que ressalta o feito de Yangí transcende os limites da sua presença na narrativa poética de Ifá para emergir como conceito próprio de uma política/epistemologia de descolonização, uma teoria exusíaca<sup>7</sup>. A perspectiva Yangí será aqui lida como potência para um debate ontológico que transgrida os limites da supremacia da razão branca e desloque a dimensão das existências e da realidade para outros horizontes. Yangí nos permite problematizar a natureza radical de todos os seres criados, uma vez que é o Exu ancestral, como também nos permite redimensionar as presenças, a partir da divisão Humanidade x Raça, Existência x Não Existência, Brancos x Não Brancos. Se a modernidade ocidental, em sua face de motor desenvolvimentista do capitalismo no mundo, destituiu a existência de milhares de seres ao longo de séculos de

violência, o que restou desses seres deve ser agora encarnado pela potência ancestral, resiliente e transgressiva de Yangí, força reconstrutora dos cacos despedaçados que vêm a formar novos seres.

Yangí ainda nos revela outra potência a ser tomada, que é o seu caráter enquanto agente do tempo, princípio do ser/estar multidimensional e escritor de ações no tempo em sentido espiralado. Dessa forma, Yangí (Exu ancestral) nos concede elementos para a reivindicação da noção de ancestralidade como espírito do tempo que baixa em performance espiralada. Yangí, como horizonte disponível para outros cursos, nos permite navegar em filosofias que problematizam o ser e a realidade para além do chamado “tempo presente”. Nesse caso, o presente nada mais é do que uma fração, um recorte arbitrário da realidade expandida ou do alargamento do agora. Ancestralidade, nesse sentido, emerge como um contínuo, uma pujança vital e um efeito de encantamento contrário à escassez incutida pelo esquecimento.

Nesse sentido, Yangí é sempre o primeiro como também o último; são as pontas do caracol (okóto), pois é o princípio e o tom do acabamento. Essa proeza performatizada por Exu nos possibilita pensar o presente de forma alargada, que nos permite também transgredir com a linearidade histórica que achata o presente (potência do ser e suas invenções em interação com o espírito do tempo) entre passado e futuro. Assim, passado, presente e futuro não passam de abstrações.

A partir da disponibilidade conceitual assente na noção de ancestralidade, essas dimensões imbricam-se inscrevendo performances em um mesmo tempo/espço. Não à toa, a partir de uma filosofia própria dessas experiências, a vida, enquanto invenção, pode vir a renascer daquilo que foi ontem, enquanto o futuro, como uma mera superação do “passado”, pode vir a significar a morte, tomada como perda de potência. Nesse sentido, Exu, o senhor das possibilidades, opera na

*image  
not  
available*

África e as suas reverberações criativas, circunstanciais e inacabadas na diáspora. Essa potência, advinda da caoticidade diaspórica, similar ao caráter ontológico de Exu (Yangí), traz a potência do imaginário em África como uma força plástica, poética e mítica de inúmeras possibilidades de recriação.

Sigo fazendo caminhos por encruzilhadas, praticando estripulias, criando nos vazios deixados, corrompendo as lógicas dicotômicas a partir da sapiência do cruzo. Aqui invoco e encarno Exu, seus princípios e potências para inventariar um balaio tático, ao que dou o nome de Pedagogia das Encruzilhadas. A intenção é direta: sucatear a lógica colonial. Assim, lanço meus versos para aquele que é o primeiro, invocando novamente o verso: “Exu é aquele que nasceu antes da própria mãe”. (Gargalha) Nessa amarração se expressa a ontologia negro-africana cruzada via Atlântico e ressemantizada nas bandas de cá.

Exu é o poder que baixa encarnando nas múltiplas possibilidades de ser e saber. Este signo compreende uma potência incontável, logo contrária a toda forma de regulação e manutenção de uma única ordem. Não existe ser humano sem ele, tanto quanto uma ciência humana sem os seus radicais. Assim, os novos seres, aqueles livres das formas de dominação colonial, terão de ser inventados. Para o fortalecimento da formação de seres livres, resilientes, inconformados, rebeldes e transgressivos à ordem colonial, é que venho propor essa pedagogia exusíaca.

A ciência sempre teve um tanto de macumba. Não à toa, os mestres encantados dos cultos da jurema, do catimbó e da encantaria chamam os ofícios de saber de “ciência encantada”. Porém, somos também herdeiros de uma tradição que se desencanta por negar a pluriversalidade do mundo, mas é nessa fresta que risco o ponto de uma pedagogia encarnada pelos princípios e potências de Exu. Um *ebó cívico* que se cruza ao fazer científico, que é antes de qualquer coisa uma resposta

*image  
not  
available*



Para os iorubás, Exu é o princípio do movimento como um todo, e o seu caráter enquanto potência de mobilidade é representado tanto pela boca, quanto pelo falo ereto. O princípio da boca como Enugbarijó, campo de transformações por intermédio das ações de ingerir e regurgitar, como também da transformação do pensamento em palavra e os seus cursos no alinhave da comunicação; o falo ereto como princípio da mobilidade, da vivacidade do ser enquanto elemento individualizado e a sua potência na atividade de procriação e seus vínculos com a continuidade e o inacabamento da vida. Certamente, o falo ereto de Exu como representação de seu poder, enquanto princípio do movimento que é, causou pavor entre os colonizadores europeus que se depararam com sua imagem. Exu, que até esse momento era um princípio amoral, foi então relegado ao substantivo do pecado, do descontrole e do perigo, ou seja, acabou sendo interditado pela lógica colonial como o diabo cristão.

Certamente, Hegel não se permitiu ouvir falar de nosso compadre. Afinal, para conhecê-lo, haveria de ser sensível a outras possibilidades de mundo, algo não tão comum para as mentalidades que se acomodam sobre os bancos de areia do monorracionalismo. Porém, Hegel, firmaste um verso sobre as populações negras como sendo contrações imóveis, rastejo e espasmo. Eu, cismado que sou, refaço a pergunta: Ora, tu não viste um moleque de pau duro que passou do teu lado? Não viu? Acabou de tirar um sarro de ti!

---

**5** A epígrafe é parte de um oriki (narrativa mítica/reza) de Exu.

**6** “Exu coloca e tira palavras de nossas bocas” é uma máxima comumente ouvida nos terreiros do Brasil.

Reivindicando essas potências como elementos construtores de uma pedagogia, cuspiremos essas outras possibilidades em formas de versos, gingas, sons e tecnologias. A nossa política é também poética tramada por um repertório vasto e inacabado, aqui reivindicado em sua integralidade, a multiplicidade no uno, o ser/saber em suas performances e inacabamentos. Exu, senhor do movimento, protomatéria da existência, linguista e tradutor do sistema mundo. O menino que engole a mãe, o mundo e ao mesmo tempo fiscaliza os limites do visível e do invisível, ajudando nas tarefas de seu pai.

(Gargalha...). Vadeia, Exu, nas asas do vento, nos redemoinhos da existência, nos entroncamentos da vida e no perder de vista. Uma de suas traquinagens prediletas se dá no encantamento da dúvida. Como ele brinca e se diverte com a nossa obsessão pelos esclarecimentos, pela verdade... e porque ri da fragilidade desses nossos regimes, opera nos vazios deixados por nossos próprios discursos. Exu, longe de ser a palavra que salva, é a que encanta. Quando nos dá mais linha, é porque nos amarrará de outra maneira, cama de gato, criança, jogo, enigma, encanto, segredo, sedução — esta é a sua lógica. Senhor das astúcias, dos escapes, das esquivas, das antidisciplinas, da peça, da síncope, das rasuras, do viés, sucateios, festas e frestas. Inventa e recria mundos nos lampejos das imprevisibilidades cotidianas.

Exu baixa nessa gira cruzada para praticar as suas estripulias. Em cada drible, rodopio e gargalhada emerge um repertório inacabado de artes, astúcias e fazeres. A pedagogia encruzada, encarnada pelas suas potências, opera como sabedoria de fresta. Como praticante da encruzilhada, busco cismar com o Diabo cristão e outras invenções coloniais. Ou talvez — se melhor convir às formas tradicionais de negociação vividas por aqui — acenda uma vela para ele, o Diabo, junto a uma para Deus.

mantém vitalizado os inúmeros saberes que diversificam as experiências sociais do mundo e as possibilidades de reinvenção do mesmo. É Exu que esculhamba os limites da maquinaria ocidental, é ele que tenciona o arrebatamento das almas assombradas pelo pecado. Será também Exu, por meio de suas encruzilhadas, que nos apresentará outras formas e me possibilita desenhar ao longo de alguns traçados uma pedagogia que lhe é própria.

Por mais que as histórias tidas como oficiais se esforcem para que a formação de nossos imaginários e esquemas cognitivos se mantenha servil à imagem de uma suposta redenção colonial, há inúmeras formas de escape. Afinal, sempre se jogou nas bandas de cá. O jogo, às vezes, imprime uma lógica de sedução e encanto mútuo, até que um se encontra perdido em meio a ele. Já diriam os mais sábios: “Fulano, cadê? Não sei! Se perdeu, se encantou pela mata e de lá nunca mais saiu!” É assim nos jogos de corpos ou de palavras. Há de se invocar a máxima dos malandros e as suas formas de escrita em trânsitos: “malandro que é malandro não bate de frente!” Por isso, o tempo/espço que falo e busco estar é o da encruza. As esquinas são dobras, malandro que se preza, ao dobrar a esquina, faz a curva aberta, nunca se sabe o que vem de lá. O espírito do movimento, da criação e de toda e qualquer possibilidade faz morada lá.

A encruzilhada é o caminho eleito, é irreduzível, há algo lá que não conhece derrota diante dos esforços coloniais, sejam os de agora ou os de outrora. O vencer ou ser vencido não está em “xeque”, a dinâmica do jogo, por mais que não pareça, é outra. É assim na encruza, em toda e qualquer encruza. É lá que mora, se incorpora e se corporifica a grande boca do universo. Engole o que há pela frente para depois o cuspir, restituindo outro mundo. A encruzilhada é ambivalente, não define lado, é o palco de todos os tempos e das possibilidades. Nela se acende a vela — e se vela a vida — acompanhada de

# Obá Oritá Metá: a dúvida como possibilidade, sabedoria de fresta

OBÁ ORITÁ METÁ É UM DOS VÁRIOS TÍTULOS concedidos a Exu, esse o define como o rei da encruzilhada de três caminhos. O que seria então a encruzilhada? Para alguns, a morada do dínamo do universo, ponto de força, caminhos de interseções e possibilidades.

Os pontos que risco, que fundamentam a proposição de uma pedagogia encarnada pelas potências de Exu, traçam algumas perspectivas. Essas sempre inacabadas, pois ligam outros muitos caminhos possíveis. Porém, ressalto alguns traçados, aqui riscados na força da pomba, ou seja, paridos na força do encanto e dinamizados com o axé transformador que emerge como orientação política/poética. Assim, inspirado na potência de Obá Oritá Metá, ressalto o curso de três caminhos/esquinas. O primeiro traçado reivindica a noção de que o conhecimento é diverso e corresponde à pluralidade de formas de ser no mundo. Assim, ao confrontar a hegemonia de um modelo que se reivindica como único, denuncia sua parcialidade em relação aos outros existentes.

O segundo ponto é a noção de que as experiências transatlânticas constituídas a partir dos processos de dispersão/travessia das populações negro-africanas nas

princípio dialético. A potência de Exu emerge como um princípio dialógico, ambivalente, polissêmico e polifônico. O mesmo não deve ser lido como um elemento que opera visando a formas de superação. Dessa maneira, as operações de Exu não culminam na produção de uma síntese, pois seu princípio é a caoticidade. É ele quem esculhamba a ordem, instaurando a desordem, ao mesmo tempo em que é o fiscalizador da ordem punindo os atos de desordem que venham a ameaçá-la.

Assim, o terceiro caminho próprio da potência de Obá Oritá Metá não é de forma alguma uma síntese a partir dos outros dois cursos. A noção de Exu como sendo o “+1” ou o “3” nos demanda um arrebatamento por outras formas de pensar, o que desafia os limites binários formadores de nossos padrões. A potência imantada nas noções de “+1” ou “3” marcam o caráter pluriversal, ambivalente e inacabado do signo. É nesse sentido que Exu é sempre aquele que está praticando as fronteiras, os cruzos, os vazios deixados, os entres. É nesse mesmo sentido que o signo se versa como possibilidade e imprevisibilidade, esfera impossível de ser apreendida, pois é múltipla e inacabada. É por isso que Exu serpenteia as barras do tempo, samba no fio da navalha e mora na casca da lima. Seu caráter é de ser o *múltiplo no uno* ou o um *multiplicado ao infinito*. Espreité-lo buscando uma síntese é um equívoco, dado que o mesmo precede essas concepções. Na imagética associada a ele, Exu tem a cabeça pontuda para que não carregue fardos sobre ela. Exu é o que quiser e o faz porque pode.

Na gramática dos terreiros, os praticantes o definem assim, pois o compreendem como um princípio infinito, em permanente dinamismo. Sendo o “3” por excelência invoca a noção de que é ele que estará a cruzar toda e qualquer situação, dando o tom do acabamento provisório. Assim, como terceira via, se codifica enquanto princípio de imprevisibilidade. Em

contraditoriamente abre o caminho para este estudo é a produção de Exu como impossibilidade pelo colonialismo. A negação desse princípio e a sua transformação no Diabo cristão guarda um tempo/espço a ser investigado, revisto e problematizado. Mais do que ler a história a contrapelo, como nos sugere o filósofo alemão<sup>15</sup>, hoje precisamos tirar os “demônios das garrafas”.

Entretanto, antes mesmo de desengarrafá-los, precisamos considerar a possibilidade de pensarmos como aqueles que não consideram a noção de demônio, bem e mal como a projetada pelo colonialismo ocidental. Nesse sentido, cabe apresentarmos Exu nos limites do pensar iorubano e seus giros na diáspora. O orixá compreende-se como a protomatéria criadora, é a partir de seus efeitos que se desencadeiam toda e qualquer forma de mobilidade e ação criativa. Exu — na ordem do universo — é o primeiro a ser criado. É a partir de seu caráter expansivo e inacabado — Òkòtó Èsù Yanguì — que advêm todas as demais criações. Dessa forma, é sob a sua figuração e seus efeitos que se compreendem os princípios da mobilidade, dos caminhos, da imprevisibilidade, das possibilidades, das comunicações, das linguagens, das trocas, dos corpos, das individualidades, das sexualidades, do crescimento, da procriação, das ambivalências, das dúvidas, das inventividades e astúcias.

Exu é o poema que vem a enigmatizar as existências, conhecimentos e movimentos do universo. E faz isso de maneira exímia ao instaurar a dúvida, as incertezas, ao nos lançar na encruzilhada. A encruza é um dos símbolos de seus domínios e potências, e tanto nos apresenta a dúvida como também os caminhos possíveis. Porém, entre o que está compreendido na cosmologia iorubana e o que foi ressignificado nas bandas de cá do Atlântico, há algumas questões. Esses nós, atados no ir e vir dos cursos da diáspora africana e nas complexidades dos cotidianos coloniais, dão o

disseminadas durante o longo processo de colonização/catequização. Assim, aproprio-me da imagem do homem que coloca o Diabo na garrafa para esculhambar a lógica do colonialismo na relação com as culturas da diáspora africana, na medida em que o poder colonial, através de relações de violência, demonizou parte dos saberes negro-africanos na diáspora. Essa violência expressa nas práticas de demonização dos saberes negro-africanos contribuiu para a constituição de regimes de verdade em torno da narrativa colonial, mas também o tornou refém das limitações de seu caráter monocultural e monorracional. Nesse sentido, a cultura ocidental construiu o demônio, o colocou na garrafa e garantiu sua tentativa de se qualificar como oposição ao “mal”, todavia, está destinada a padecer no inferno de sua própria arrogância e intransigência.

A relação com a narrativa popular serve também para pensarmos os limites impostos pela ciência moderna, que, a meu ver, opera em grande parte no sentido de não reconhecer outras possibilidades explicativas. Fora do seu campo de produção, está fadada a ter sua “alma subtraída”, vindo a padecer em um inferno constituído por ela mesma. Negando outras existências, diálogos e possibilidades, estará destinada a discursar para si, produzindo respostas para as suas próprias perguntas. Essa relação entre a narrativa popular e os exemplos apresentados só é possível a partir da orientação de que os processos de colonização são reiterados pela ciência. A ciência, portanto, na maioria das vezes se dá o direito de falar do *outro* sem sentir o mundo pela presença e o tempo/espço do *outro*.

As imagens do demônio cativo na garrafa ou de Exu significado como Diabo são extremamente simplificadoras e descomplexificam as negociações, esquivas, golpes, frestas e seduções dinamizadas nos cotidianos coloniais. A tentativa de fixação do princípio em um dos campos opostos — bem ou